

**COMO CITAR:**

Silva PHM, Silva JRS. Discursos sobre a prevenção da hanseníase em materiais educativos em saúde: O que dizem cartilhas, cartazes, guias e panfletos? *Rev Contexto & Saúde*. 2021;21(44):253-264.

## Discursos Sobre a Prevenção da Hanseníase em Materiais Educativos em Saúde: O Que Dizem Cartilhas, Cartazes, Guias e Panfletos?

Premma Hary Mendes Silva,<sup>1</sup> Jackson Ronie Sá Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A hanseníase é um grave problema de saúde coletiva que atinge historicamente populações que se encontram em péssimas condições de vida. No Brasil, a hanseníase é uma doença que atinge as camadas mais pobres da população. Embora seja uma doença que, uma vez tratada, tem possibilidades significativas de cura e não apresenta riscos de contágio, em razão do preconceito cultural ainda persiste uma situação de estigma em relação à doença. Ao ser reconhecido como hanseniano o indivíduo é atingido por um conjunto de designações degradantes. Assim, reconhecemos a prevenção por meio da Educação em Saúde como um aspecto nobre no controle da hanseníase, e uma das formas utilizadas é a informação por meio de materiais educativos. Com essa investigação pretendemos compreender os discursos sobre a prevenção da hanseníase veiculados em cartazes, cartilhas, panfletos e guias de orientações direcionados a profissionais da saúde e pacientes, distribuídos em postos e unidades de saúde do município de São Luís, Maranhão. Para isso foram utilizadas na investigação estratégias teórico-metodológicas da pesquisa documental. Os documentos analisados deram indícios de que na divulgação de informações sobre a prevenção da hanseníase o que prevalece é o discurso biomédico sobre diagnóstico, tratamento e cura. Os aspectos socioculturais da doença no que se refere ao preconceito estão ausentes ou são abordados superficialmente nos documentos. Além disso, informações de cunho sociocultural, como o alerta aos aspectos do preconceito, não são percebidas. A linguagem é claramente clínico-biomédica e existe uma preocupação em disseminar entre os profissionais da saúde e pacientes apenas que a hanseníase tem cura.

**Palavras-chave:** Educação em saúde; hanseníase; pesquisa documental; prevenção.

### DISCOURSES ON THE PREVENTION OF LEPROSY IN EDUCATIONAL MATERIALS IN HEALTH: WHAT DO BOOKLETS, POSTERS, GUIDES AND PAMPHLETS SAY?

### ABSTRACT

Leprosy is a serious public health problem that historically affects populations living in poor living conditions. In Brazil, leprosy is a disease that affects the poorest sections of the population. Although it is a disease that, once treated, presents significant possibilities of cure and does not present a risk of contagion; due to cultural prejudice, a situation of stigma in relation to the disease still persists. When recognized as hansenian, the individual is permeated by a set of degrading designations. Thus, we recognize prevention through Health Education as a noble aspect in leprosy control, and one of the forms used is information through educational materials. With this investigation we intend to understand the discourses on the prevention of leprosy conveyed on posters, booklets, pamphlets and guidance guides aimed at health professionals and patients, distributed in health posts and units in the municipality of São Luís, Maranhão. For this, theoretical-methodological strategies of documentary research were used in the investigation. The documents analyzed gave evidence that in the dissemination of information on leprosy prevention, what prevails is the biomedical discourse on diagnosis, treatment and cure. The sociocultural aspects of the disease with regard to prejudice are absent or are approached timidly in the documents. Moreover, sociocultural information, such as alerting to aspects of prejudice, is not perceived. Language is clearly clinical-biomedical and there is a concern to disseminate among health professionals and patients only that leprosy has a cure.

**Keywords:** Health education; leprosy; documental research; prevention.

RECEBIDO EM: 21/1/2021

MODIFICAÇÕES SOLICITADAS EM: 9/3/2021

ACEITO EM: 7/4/2021

<sup>1</sup> Autora correspondente. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga. São Luís/MA, Brasil. CEP 65080-805. <http://lattes.cnpq.br/2178456938824494>. <https://orcid.org/0000-0001-7913-7840>. [premmahary10@gmail.com](mailto:premmahary10@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Maranhão – UFMA. São Luís/MA, Brasil.

---

## INTRODUÇÃO

A hanseníase é um grave problema de saúde coletiva, tendo historicamente atingido populações que se encontram em péssimas condições de vida. O Estado do Maranhão possui altos índices de prevalência da doença, sendo classificado com hiperendêmico, com taxas que ultrapassam a média do Nordeste e do Brasil.<sup>1</sup>

No Brasil, a hanseníase é uma doença que atinge as camadas mais pobres da população e apresenta endemicidade principalmente nas áreas metropolitanas. Com o êxodo rural e o inchaço urbano os doentes vivem nas periferias das grandes cidades, muitas vezes em situação precária e insalubre. A situação de pobreza, desemprego e falta de educação básica piora o quadro daqueles que são acometidos pela enfermidade, revelando-se determinantes para o risco de adoecimento.<sup>2-3</sup>

Embora a hanseníase seja uma doença que, uma vez tratada, tem possibilidades significativas de cura e não apresenta riscos de contágio, em razão do preconceito cultural, apesar dos esforços do programa de controle da doença, ainda persiste uma situação de estigma em relação à doença. Pinheiro e Simpson<sup>4</sup> argumentam que o preconceito associado à falta de informação exclui socialmente os doentes e os afasta do tratamento.

O estigma vinculado à hanseníase, por suas características em diferentes épocas e sociedades, parece poder encaixar-se nessas definições, visto que a aceitação dos doentes ainda é uma questão a ser equacionada, com seu afastamento do convívio social sendo um ritual ainda comum. O estabelecimento de padrões sociais, físicos, morais, econômicos e estéticos concretizam-se na sociedade e os indivíduos que não se encaixam nesses padrões estão inabilitados para a aceitação social plena.<sup>5</sup>

Segundo Goffman,<sup>5</sup> os gregos criaram um termo que se referia aos sinais corporais com os quais se evidenciava alguma característica ruim sobre o *status* moral de quem a apresentava. Esse termo é “estigma”, utilizado em referência a um atributo profundamente depreciativo.

Diante disso, este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa documental que buscou compreender os discursos sobre a prevenção da hanseníase veiculados em cartazes, cartilhas, panfletos e guias de orientações direcionados a profissionais da saúde e pacientes, distribuídos em postos e unidades de saúde do município de São Luís, Maranhão.

Destacamos a importância dos materiais educativos em saúde e a utilização de elementos visuais, tais como imagens, gráficos, vídeos ou desenhos para expressar uma ou mais ideias, obtendo, assim, grande alcance das informações. Nesse viés, compreendemos que a importância desse tema se dá no sentido de contribuir para que o aspecto psicossocial da hanseníase seja item considerado na seleção de conteúdos e elaboração de cartazes, cartilhas, panfletos, guias, portarias e outros documentos de comunicação em saúde.

Dessa forma, por meio de informações sobre a doença, o/a paciente portador/a de hanseníase e seus familiares poderão compreender que essa doença não só tem cura como sua prevenção é possível. Além disso, a Educação em Saú-



de poderá, sobretudo, promover uma ação solidária e acolhedora das pessoas que vivem/viveram a experiência da hanseníase. A educação também se destaca por potencializar a construção de uma visão crítica sobre as condições sociais em que se desenvolvem as doenças, conduta importante a ser adotada para compreender questões políticas e socioeconômicas que envolvem doenças negligenciadas como a hanseníase.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adentrar no percurso da pesquisa sobre a prevenção da hanseníase imprimida em cartazes, panfletos, cartilhas e guias requer um aporte metodológico que deve levar em consideração a produção histórico-cultural de ideias e proposições sobre a hanseníase. Para tanto, a pesquisa buscou compreender os discursos sobre a prevenção da hanseníase veiculados em cartazes, cartilhas, panfletos e guias de orientações direcionados a profissionais da saúde e pacientes, distribuídos em postos e unidades de saúde do município de São Luís, Maranhão. Para isso, foram utilizadas na investigação as estratégias teórico-metodológicas da pesquisa documental. Com a pesquisa pretendeu-se conhecer os mecanismos preventivos aplicados e perceber se os discursos consolidam as práticas preventivas em hanseníase.

A pesquisa documental apresentou-se apropriada para esse empreendimento investigativo. Para a consecução da investigação documental nos baseamos nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa documental. No ensaio *“Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas”*, Sá-Silva, Almeida e Guindani<sup>6</sup> argumentam que o uso de documentos em pesquisas que investigam processos culturais deve ser estimulado porque podem revelar acontecimentos que ajudam a compreender situações socioculturais contemporâneas.

A riqueza de informações que dos documentos pode ser extraída e resgatada justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas, Sociais e Biomédicas, pois possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.<sup>6</sup>

A análise de documentos como um método de interpretação baseia-se na descrição da produção de situações sociais. Nesse sentido, quando os documentos selecionados na pesquisa são estudados de forma analítica, podemos compreender a pesquisa documental como basilar para proceder a uma investigação social, posto que o uso de documentos em pesquisa permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão social.<sup>7-8</sup>

Após seleção das referidas fontes, os materiais adquiridos foram digitalizados e passaram por um processo de classificação quanto à tipologia. De posse do material catalogado, iniciamos a fase de organização e categorização, os quais foram classificados nas seguintes tipologias: cartilhas, guias (para profissionais, comunidade e pacientes), panfletos e cartazes. Posteriormente, passaram por um processo sistemático de leitura. Na análise foram destacados aspectos relevantes quanto à informação sobre a hanseníase no que se refere à etiologia da doença, conceito, tratamento, prevenção e cura, além de caracterizar as informações sobre preconceito e estigma.



## OS DISCURSOS SOBRE HANSENÍASE EM MATERIAIS EDUCATIVOS EM SAÚDE

Se há algum grupo do qual os estigmatizados podem esperar apoio, esse é o grupo dos informados, que são “normais” (grifo nosso), mas simpatizam e aceitam a condição do estigmatizado. Segundo Goffman,<sup>5</sup> “um tipo de pessoa ‘informada’ é aquela cuja informação vem de seu trabalho em um lugar que cuida não só das necessidades daqueles que têm um estigma particular quanto das ações empreendidas pela sociedade em relação a eles”. Nesse perfil encaixam-se profissionais da saúde, principalmente porque conhecem e acompanham de perto o tratamento de pessoas com hanseníase e outras doenças estigmatizadas. A esse grupo de profissionais cabe a tarefa de também informar a outros os aspectos da doença e desmistificar as concepções construídas a respeito dela.

O preconceito instala-se a partir da falta de informação e a Educação em Saúde compartilhada por materiais educativos oportuniza uma reflexão gerada na problematização dos contextos sociais em que a saúde se desenvolve, levando à formação de cidadãos autônomos intelectualmente, que pensam e agem criticamente. Conforme Monteiro *et al.*,<sup>9</sup> “a educação em saúde é uma prática de preservação da saúde individual e coletiva”. Estudos demonstram como a Educação em Saúde colabora significativamente para combater o preconceito, o estigma e a exclusão social causados pela falta de informação.<sup>10</sup>

O Ministério da Saúde elaborou, em versão preliminar, um plano de ações denominado Estratégia Nacional para o Enfrentamento da Hanseníase (2019-2022) em que apresenta como uma de suas metas “zerar o estigma e a discriminação a que estão submetidos os portadores da doença”. Entre seus objetivos está o de “promover a inclusão social mediante abordagem de todas as formas de enfrentamento do estigma e da discriminação” e listadas as ações necessárias para a consecução desse objetivo, entre elas “promover espaço de discussão e apropriação dos conceitos e dimensões do estigma e da discriminação”.<sup>11</sup>

A partir das análises dos materiais pudemos perceber que alguns cartazes apresentavam uma linguagem médica técnica que explorava principalmente a temática do tratamento e da cura da patologia. Nesses cartazes os aspectos biomédicos da hanseníase são muito exaltados. Informações de cunho sociocultural, como o alerta aos aspectos do preconceito, não são percebidas; isso pode ser observado no cartaz seguinte (Figura 1).

No cartaz (Figura 1) também é possível identificar a utilização de imagens de lesões na pele de um/a paciente. A utilização desse tipo de imagem pode causar medo e reforçar o sentimento negativo quanto à doença, o que pode gerar o aumento da discriminação e do preconceito. Carvalho *et al.*<sup>12</sup> expõem que:

O aparecimento das deformidades físicas desencadeadas pela hanseníase pode repercutir em preconceito e discriminação sobre o indivíduo, provocando intenso sofrimento psíquico como depressão e ansiedade, podendo resultar em exclusão social durante o processo de adoecimento, dificultando adesão ao tratamento. Esses fatores podem despertar sentimento de rejeição, medo e insegurança, provocando a redução da autoestima e percepções errôneas sobre autoimagem do acometido.



Nesse sentido, por que fazer uso delas? A percepção do hanseniano como impuro, intocável, ainda se faz presente, a despeito dos avanços da Medicina no campo da hansenologia e da divulgação, pelo setor de saúde, de informações sobre as várias características da enfermidade. O medo da doença e suas imagens históricas são responsáveis pelo preconceito e estigma praticados pelo meio social em que vivem os doentes.

Figura 1 – Cartaz produzido pela prefeitura de São Luís



Fonte: Adquirido no Hospital Aquiles Lisboa, São Luís – MA.



Apesar da linguagem técnica utilizada em alguns cartazes, nota-se a preocupação em disseminar entre os profissionais da saúde e pacientes que a hanseníase tem cura e em alertar sobre qualquer indício da doença. A importância da veiculação das informações por meio de cartazes, panfletos e outros meios é que, além do alcance que obtêm, “a informação social transmitida por qualquer símbolo particular, pode simplesmente confirmar aquilo que outros signos nos dizem sobre o indivíduo, completando a imagem que temos dele de forma redundante e segura”.<sup>5</sup>

Segundo Goffman,<sup>5</sup> os símbolos/signos mencionados são utilizados para transmitir informações sociais que podem ser fornecidas a outros sem o consentimento do estigmatizado, nesse caso, denomina-se “símbolo de estigma”.

Dos panfletos analisados, todos referem-se aos sintomas da doença, como manchas, dormência. Destacamos que não identificamos nos panfletos referência à prevenção, que seria uma estratégia significativa de combate à doença. Observou-se, ainda, que a escola foi destacada como local de informação sobre a doença e a reconhece como aliada na luta contra a hanseníase. Nesse sentido, a escola apresenta-se também como lugar estratégico de combate à hanseníase, por ser uma instituição que educa e ensina para a vida em sociedade, destacando aspectos relevantes no que se refere à saúde coletiva.

Em pesquisa que revela as abordagens da hanseníase no espaço escolar, Prates *et al.*<sup>13</sup> expõem que “as ações educativas no âmbito escolar com ênfase

em hanseníase são eficazes, sendo uma forma de disseminar o conhecimento sobre a doença e acabar com estigma/preconceito da mesma, além da importância efetiva da escola para a educação em saúde”.

Seguindo as análises, foi possível observar que, ao abordar a doença, alguns panfletos apresentavam conteúdo ameaçador quando expunham questões referentes às sequelas deixadas pela doença, sendo que isso ocorre se, e somente se, o tratamento não for conduzido corretamente.

Em doenças que foram construídas, apresentam um estereótipo social e estão no imaginário popular, uma barreira difícil de romper é o preconceito. Talvez esse seja de fato o grande problema na eliminação da hanseníase no mundo. Assim como na hanseníase, outras patologias como a tuberculose e a Aids não devem ser avaliadas apenas em seus aspectos bioclínicos, mas precisam ser analisados os aspectos socioculturais dessas doenças, visto que trazem historicamente construções estigmatizantes e preconceituosas.

A Educação em Saúde, além de orientar em aspectos como a detecção precoce, tratamento, reabilitação, autocuidado, deve, também, dar apoio à condição emocional e à integração social, pois foi possível observar que poucos panfletos orientaram no sentido de desmitificar sobre o contágio da doença. A comunicação visual por meio dos materiais educativos deve apresentar-se também como forma de incentivo ao tratamento, não como repulsão. Segundo Massara *et al.*,<sup>14</sup>

a educação e a comunicação em saúde utilizam várias estratégias para informar e mobilizar pessoas, motivando-as à participação no processo de cuidado coletivo da saúde, exercício da responsabilidade social, adoção de práticas preventivas e substituição de comportamentos de risco por outros mais seguros.

Um dos panfletos analisados traz a seguinte informação: “A primeira dose do medicamento mata 90% dos bacilos e doença deixa de ser transmitida”. Essa é uma informação relevante. Os pacientes precisam ser informados sobre os aspectos positivos do tratamento, e no curso deste, serem incentivados a dar prosseguimento e não abandoná-lo. Explicar aos pacientes a importância da conclusão do tratamento também é um fator que contribui para o combate à hanseníase.

Outra tipologia de documento analisada para compreender aspectos legais relacionados à doença foram Portarias do Ministério da Saúde, que determinam ações específicas ao controle da hanseníase, que compreendem orientações sobre a administração de medicamentos e outras ações técnicas.

As portarias analisadas foram: n.º 125 de 26 de março de 2009; n.º 594, de 29 de outubro de 2010; n.º 356, de 7 de março de 2013; n.º 2.556, de 28 de outubro de 2011 e n.º 3.125, de 7 de outubro de 2010.

Em trechos dos documentos analisados destacamos a “busca ativa de casos” apresentada como uma ação que contribui para a prevenção da doença. Outro trecho refere-se ao “combate ao eventual estigma”, outro aspecto relevante, visto que a hanseníase é uma doença ainda permeada de muito preconceito. O estigma que permeia a hanseníase, entretanto, não é eventual como expõe a portaria. O estabelecimento de padrões na sociedade nos faz projetar modelos



---

de pessoas, de roupas, de carros que agradam a um sistema de consumo instituído. Assim sendo, a eventualidade do estigma não corresponde à realidade observada no convívio social. Para todos os estratos da sociedade e em todos os ambientes sociais existem pessoas “inabilitadas para a aceitação social plena”.<sup>5</sup>

Outro aspecto a ser destacado é a “manutenção do paciente no meio social”, pois é um contraponto à política de isolamento compulsório como forma de tratamento e prevenção da doença, que consistia no afastamento do doente do convívio social, incluindo família e amigos, sem levar em consideração o problema da readaptação social dos egressos dos antigos leprosários.

Um caderno produzido pelo Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan) traz à discussão “Os ensinamentos da luta contra a hanseníase para o enfrentamento da Covid-19”. Os relatos presentes no documento nos levam a refletir sobre o isolamento a que estamos submetidos e a que os portadores de hanseníase estiveram submetidos por décadas.<sup>15</sup>

A pandemia do novo coronavírus configura-se em um novo contexto de isolamento que desvela as vulnerabilidades sociais às quais muitos/as brasileiros/as estão submetidos. A pandemia de Covid-19 agrava ainda mais epidemias já negligenciadas, como a hanseníase.

Prosseguindo com as análises, as portarias estabelecem, considerando a necessidade de eliminar a hanseníase como problema de saúde pública, que é necessário diagnosticar precocemente os casos, realizar o tratamento, prevenir as incapacidades, ações de mobilização e educação em saúde, visando ao fortalecimento da Vigilância Epidemiológica.

Nos guias destinados a profissionais da saúde, o principal objetivo é fornecer àqueles envolvidos no processo da doença informações seguras, atualizadas, possibilitando o redirecionamento das ações e a qualificação profissional. Por se tratar de documentos direcionados aos profissionais da saúde, percebe-se a ausência de abordagens relacionadas ao social, como o preconceito.

Os guias trazem orientações detalhadas sobre a hanseníase, desde aspectos clínicos e epidemiológicos a instruções para o preenchimento da Ficha de Notificação do Sistema de Informação de Agravos e Notificações – Sinan. Eles detalham também os efeitos colaterais dos medicamentos e as condutas a serem adotadas pelos profissionais.

O guia para profissionais da saúde, “Como ajudar no controle da hanseníase?”, levanta uma questão importante: “Por que as pessoas têm medo da doença se ela já tem cura?”. A conclusão a que se pode chegar a respeito desse questionamento é a de que nossa sociedade ainda tem muito preconceito contra pessoas acometidas pela hanseníase ou outras doenças dermatológicas, sobretudo as estigmatizadas. Esse preconceito deve-se a uma construção social milenar e uma concepção sobre a hanseníase ainda arraigada no imaginário popular. Assim, Goffman<sup>5</sup> relata que “a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade”. Por isso, “nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para determinado tipo de indivíduo”.



Talvez essa seja a explicação para a instituição da política de isolamento compulsório: a estereotipia, o padrão, o “normal”. Ainda hoje podemos constatar que o doente é isolado do convívio social, não mais compulsoriamente; o afastamento, agora, se dá por decisão da família, dos amigos, dos colegas de trabalho e essa “medida de prevenção” é resultante do preconceito que, por sua vez, é causado pela falta de informação.

Os guias trazem desconstruções acerca do que se pensava sobre hanseníase, apresentam também depoimentos de pessoas curadas da doença que demonstram a forma como foram e são tratadas pessoas de todas as idades acometidas pela doença.

Figura 2 – Guia profissional “Como ajudar no controle da hanseníase?”



Fonte: Ministério da Saúde, 2007.



Por ser este um guia específico a um profissional que lida diretamente com as pessoas acometidas de hanseníase e seus contatos [familiares] (Figura 2), seria necessário que eles fossem mais bem preparados para uma abordagem da prevenção, pois, reiteramos, uma importante medida de prevenção é a informação sobre os sinais e sintomas da doença, a realização do exame dermatoneurológico e aplicação da vacina BCG nas pessoas que vivem com os portadores desta doença. O agente comunitário de saúde desempenha um papel importante e em sua tarefa está a chave para o controle da hanseníase a partir da prevenção. Kelly-Santos *et al.*<sup>16</sup> reiteram que o “Agente Comunitário de Saúde (ACS) é representado como aquele que vai mediar a relação entre a população e a equipe de saúde. A atuação dos agentes é supervalorizada, por vezes até vista como um ato heroico e missionário”.

Entre as práticas na atenção em saúde desenvolvidas pelos ACSs está a visita ao lar, importante prática sanitária que “fortalece a adesão ao tratamento instituído, haja vista que a hanseníase exige uma terapêutica e um acompanhamento de longo prazo”.<sup>17</sup> Além disso, segundo Oliveira *et al.*,<sup>17</sup> esse profissional

[...] ao se aproximar da realidade social e cultural do doente, possibilita o desenvolvimento de um trabalho conjunto, dialogando sobre as propostas do tratamento, as orientações em relação ao autocuidado e as possíveis adaptações necessárias a fim de minimizar o impacto da doença na vida dos sujeitos.



O ACS encontra-se também em um espaço privilegiado para “divulgar informações adequadas sobre a hanseníase para desmistificar a imagem negativa associada à doença desde tempos remotos da História”.<sup>17</sup>

Os profissionais da saúde, nas mais diversas categorias, são importantes instrumentos para a prevenção da doença, pois se encontram em posição estratégica de ação. São capacitados e informados para divulgar e multiplicar a informação que desestigmatize a doença e consequentemente desconstrua o preconceito relacionado a ela.

Já os guias para pacientes são elaborados, segundo o Ministério da Saúde, para que se garanta o direito do paciente de conhecer mais sobre a doença, além de compreender seus direitos e deveres relacionados à saúde. São importantes também para que os pacientes conheçam o percurso histórico da doença e as conquistas dos sujeitos acometidos pela doença. As orientações a que os pacientes têm acesso são relacionadas às formas de contágio da hanseníase, como se manifesta, como se trata, as reações ao tratamento e importância do tratamento regular. O guia traz também um ponto que se refere ao apoio psicológico no enfrentamento da doença. Isso é um direito dos pacientes e contribui para que ele tenha condições psicológicas de enfrentar o processo de adoecimento (Figura 3).

Figura 3 – Guia de autocuidado em hanseníase para pacientes



Fonte: adquirido no Hospital Aquiles Lisboa. Produzido pelo Ministério da Saúde. 2010.

As orientações sobre a prevenção da hanseníase diretamente para os pacientes são de extrema importância, visto que um/a paciente informado/a sobre as possibilidades de contágio e tratamento da doença proporciona às pessoas que vivem com ele/a sejam orientadas a tomar os cuidados necessários à prevenção. O Guia (Figura 3) orienta “como proceder em relação às pessoas que convivem com a pessoa acometida por hanseníase na mesma casa, buscando prevenir a doença”. O ideal seria que por meio desses Guias os pacientes fossem mais orientados a respeito da prevenção e outras informações importantes sobre a doença, como diagnóstico, aspectos clínicos, tratamento e cura, que também são aspectos importantes.

Entre as tipologias de documentos analisadas figuravam também as cartilhas informativas, que desempenham o papel de levar informação de forma

direta e com um conteúdo atrativo ao leitor. A maioria das cartilhas faz uso de conteúdos animados para informar a respeito da doença: forma de contágio, sintomas, tratamento e cura.

Identificamos informações importantes relacionadas ao convívio social nos trechos: “Leve uma vida normal. A doença não impede de estudar, trabalhar, amar e viver” e relacionadas ao estigma da doença: “A maior barreira enfrentada pelo hanseniano ainda é o preconceito”. Essa cartilha atende às informações básicas necessárias para que as pessoas se informem sobre a doença, conscientizem-se dos procedimentos e ainda sejam veículos da informação (Figura 4).

Figura 4 – Cartilha produzida pela DAHW



Fonte: Adquirida no Hospital Aquiles Lisboa. 1957-2007.



As cartilhas, por seu conteúdo direto e abrangente (não direcionado a um grupo específico), têm papel fundamental na superação do preconceito. Vivemos em uma sociedade que estabelece atributos para categorizar pessoas, características que elas devem possuir para serem aceitas socialmente; esses atributos constituem a *identidade social virtual*<sup>3</sup> do indivíduo. Se, no entanto, o indivíduo não apresenta as características que deveria possuir, mas outras que não aquelas, tem delimitada sua *identidade social real*.<sup>4</sup> Nesse sentido, uma discrepância entre as identidades sociais – virtual e real – constitui o estigma que se insere na sociedade.<sup>5</sup> Diante disso, as políticas de comunicação de iniciativa das esferas públicas ou ONGs desempenham papel significativo na desconstrução, por meio da informação, desses padrões estabelecidos socialmente; isso contribui para que o preconceito resultante do estigma seja, aos poucos, desconstruído e superado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto nacional e considerando as ações desenvolvidas para a eliminação da hanseníase, julgamos que as ações direcionadas ao controle des-

<sup>3</sup> Características que atribuímos aos indivíduos (Goffman, 2008).

<sup>4</sup> Características que o indivíduo de fato possui (Goffman, 2008).

sa doença devem ter como ponto de partida as orientações preventivas da enfermidade por meio de campanhas que abordem a “prevenção” como principal aspecto. Cura e tratamento são importantes, devem ser abordados, no entanto a prevenção trabalhada de forma eficaz contribuirá significativamente para a redução dos casos da doença no Brasil.

Destacamos, ainda, a importância da comunicação em campanhas que alcancem a população. Citamos, em especial, a comunicação visual e sua peculiaridade presente na utilização de elementos visuais, tais como imagens, gráficos, vídeos ou desenhos para expressar uma ou mais ideias, apresentando-se mais eficaz que o uso de texto para veicular uma informação, obtendo, assim, grande alcance das informações.

Conforme apontam Kelly-Santos *et al.*,<sup>16</sup> os documentos fazem a mediação entre profissionais e a população. Esses documentos são utilizados na transmissão de informações e na promoção de mudanças de comportamento por parte da população.

As catalogações dos documentos em formato de portarias, cartazes, panfletos, guias, cartilhas, demonstram que são múltiplas as formas de comunicação que o Ministério da Saúde utiliza para divulgar informações sobre a hanseníase. A prevenção é um aspecto nobre no controle da doença e uma das formas utilizadas é a comunicação visual como forma de informação, no entanto as informações trazidas reforçam o estigma do “leproso”, dando destaque a imagens de lesões que causam impacto em quem as vê.

Consideramos que, apesar de todo um movimento de desestigmatização da doença e do doente, ainda hoje estão diluídos no imaginário social – e em especial nas representações dos profissionais de saúde – as ideias seculares da “lepra” e do “leproso”; ideias que perduram e que maltratam aquelas pessoas que viveram (e vivem) a experiência do processo saúde-doença em hanseníase.

Os aspectos socioculturais da doença no que se refere ao preconceito estão ausentes ou são abordados timidamente nos documentos analisados. Além disso, informações de cunho sociocultural, como o alerta aos aspectos do preconceito, não são percebidas. A linguagem é claramente clínico-biomédica e existe uma preocupação em disseminar pontualmente entre os profissionais da saúde e pacientes que a hanseníase tem cura.

Apesar de apresentarem uma comunicação na perspectiva comportamental, que visa apenas a prescrever comportamentos e hábitos, abordando a saúde como resultado das escolhas individuais, desconsiderando os demais condicionantes da saúde, os materiais impressos cumprem o papel de disseminar informações que esclarecem aspectos básicos e dão orientações quanto às doenças.

Nesse sentido, a Educação em Saúde empodera os indivíduos a compreenderem sua finalidade e a entenderem que não é simplesmente a mudança de comportamento, hábitos ou atitudes que potencializarão as mudanças sociais em saúde, mas a transformação do indivíduo, que implica participação, tomadas de decisão, reivindicação de direitos; mudanças que garantem a promoção da saúde.

Reiteramos que não propomos que a linguagem biomédica seja suplantada; reconhecemos a importância dos conhecimentos biológicos para a compreensão dos ciclos das doenças, mas acreditamos que a utilização de uma linguagem que compreenda a doença em aspectos sociais, econômicos e culturais aproximaria o paciente do conteúdo expresso nos materiais educativos, constituindo um passo importante para a superação de preconceitos e consecução de tratamentos integrais sem as sombras do estigma.



## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Santos GRB, Aragão FBA, Brasil GVS, Silva RL, Garcês Júnior AR, Andrade LMRL *et al.* Prevalência de hanseníase em São Luís – Maranhão entre os anos de 2013 a 2015, *J. Nurs. Health.* [Internet]. 2018;8(2):1-13. [Acesso em: 18 fev. 2021]. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/12294>
- <sup>2</sup> Barreto ML. Desigualdades em Saúde: uma perspectiva global. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2017;22(7):2097-2108. [Acesso em: 14 out. 2020]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XLS4hCMT6k5nMQy8BJzJhHx/abstract/?lang=pt>
- <sup>3</sup> Souza CDF, Magalhães MAFM, Luna CF. Hanseníase e carência social: definição de áreas prioritárias em estado endêmico do Nordeste brasileiro. *Rev. Bras. Epidemiol.* [Internet]. 2020;23:1-14. [Acesso em: 15 mar. 2021]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/F4cVNj7cXnFn566X6SdchNy/?lang=pt>
- <sup>4</sup> Pinheiro MGC, Simpson CA. Preconceito, estigma e exclusão social: trajetória de familiares influenciada pelo tratamento asilar da hanseníase. *Rev. Enferm. UERJ.* [Internet]. 2017;25:1-6. [Acesso em: 12 jan. 2021]. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2017.13332>
- <sup>5</sup> Goffman E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC; 2008.
- <sup>6</sup> Sá-Silva JRS, Almeida CD, Guindani JF. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. [Internet]. *RBHSC*, 2009;1(1):1-15. [Acesso em: 10 out. 2020]. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>
- <sup>7</sup> Kripka RML, Scheller M, Bonotto, DL. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Atas – CIAIQ.* [Internet]. 2015;2:243-247. [Acesso em: 2 nov. 2020]. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>
- <sup>8</sup> Flick U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- <sup>9</sup> Monteiro BR, Ataíde CAV, Silva CJA, Neres JNS, Medeiros ER, Simpson CA. Educação em saúde para a hanseníase: experiência da enfermagem. *Saúde, Santa Maria.* [Internet]. 2018;44(1);1-5. [Acesso em: 10 fev. 2021]. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/24084>
- <sup>10</sup> Lopes EFB, Silva LSAda, Rotta CS, Oliveira JHM, Menezes IR, Nakamura L *et al.* Educação em saúde: uma troca de saberes no combate ao estigma da hanseníase. *Braz. J. of Develop.* [Internet]. 2020;6(2):5350-5368. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/6590>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- <sup>11</sup> Ministério da Saúde (BR). *Coordenação-Geral de Hanseníase e Doenças em Eliminação. Estratégia Nacional para o Enfrentamento da Hanseníase: 2019-2022*. Brasília: Ministério da Saúde; 2019. [Acesso em: 2 fev. 2021]. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/22/estrategia-nacional-de-hanseníase-2019-2022-web.pdf>
- <sup>12</sup> Carvalho PRS, Araújo BVS, França AHR, Oliveira RG, Peixoto WQ, Fernandes HMA, Pinto MKG. Aspectos socioculturais como condicionantes ao sofrimento psíquico de pessoas acometidas pela hanseníase: um estudo de revisão. *Res., Soc. Dev.* [Internet]. 2020;9(10):1-13. [Acesso em: 6 fev. 2021]. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9407>
- <sup>13</sup> Prates EJS, Prates MLS, Santos GRAC, Leite MTS. Abordagens educativas: a hanseníase no âmbito escolar. *Rev. Ciênc. et Praxis.* [Internet]. 2016;9(18):29-34. [Acesso em: 4 nov. 2020]. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/2468>
- <sup>14</sup> Massara CL, Murta FLG, Enk MJ, Araújo AD, Modena CM, Carvalho OS. Caracterização de materiais educativos impressos sobre esquistossomose, utilizados para educação em saúde em áreas endêmicas no Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde.* [Internet]. 2016;25(3):575-584. [Acesso em: 10 out. 2020]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/bzXyPVPs5sHWV9fRjtqPGWB/abstract/?lang=pt>
- <sup>15</sup> Morhan. Os ensinamentos da luta contra a hanseníase para o enfrentamento da Covid-19, 2020 [Cadernos do Morhan]. [Acesso em: 12 mar. 2021]. Disponível em: [http://www.morhan.org.br/views/upload/JPGS\\_Morhan/imagens\\_site/CadMorhanCOVIDportuguesFINAL.pdf](http://www.morhan.org.br/views/upload/JPGS_Morhan/imagens_site/CadMorhanCOVIDportuguesFINAL.pdf)
- <sup>16</sup> Santos AK, Monteiro SS, Ribeiro APG. Acervo de materiais educativos sobre hanseníase: um dispositivo da memória e das práticas comunicativas. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.* [Internet]. 2010;14(32):37-51. [Acesso em: 10 out. 2020]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/bdnhZnfjZnHxBXhwhQ5cvtK/abstract/?lang=pt>
- <sup>17</sup> Oliveira CM, Linhares MSC, Ximenes Neto FRG, Mendes IMVP, Kerr LRFS. Conhecimento e práticas dos agentes comunitários de saúde sobre hanseníase em um município hiperendêmico. *Saúde Rev.* [Internet]. 2018;18(48):39-50. [Acesso em: 10 out. 2020]. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/sr/article/view/3338>

